

Conclusões

Maurício Soares Leite

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LEITE, MS. *Transformação e persistência: antropologia da alimentação e nutrição em uma sociedade indígena amazônica* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. 239 p. ISBN 978-85-7541-137-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Considerações iniciais

A idéia de que possam existir elevados níveis de desnutrição entre crianças indígenas é, possivelmente, paradoxal para o senso comum, mais familiarizado com imagens de adultos e crianças indígenas vivendo em equilíbrio em ambientes amplos, preservados e fartos em caça e pesca. Ao longo do ano de 2005, contudo, a mídia veiculou reportagens impressionantes, com imagens de crianças severamente desnutridas da etnia Guarani-Kaiowá, no município de Dourados, Mato Grosso do Sul. O que chamava mais a atenção, entretanto, era o relato de que a gravidade do quadro já havia levado a óbito diversas crianças (ver Corrêa, 2005a, para um exemplo de uma das primeiras matérias jornalísticas sobre o tema). As notícias rapidamente causaram uma busca por responsabilidades políticas, talvez mais ativa até que a identificação das causas do problema. Ironicamente, não chega a causar surpresa que, em meio a todo o debate, os próprios Guarani-Kaiowá tenham sido responsabilizados por sua situação, atribuindo-se os óbitos ora a práticas culturalmente específicas, supostamente prejudiciais à alimentação das crianças, ora ao problema do alcoolismo entre seus pais (Corrêa, 2005b, 2005c).

O caso de Dourados, infelizmente, não pode ser visto como isolado. Antes, vem a constituir um exemplo do quadro de precariedade a que estão submetidas, em linhas gerais, as populações indígenas do país. Não é minha intenção comparar detalhadamente os casos guarani-kaiowá e wari', mas julgo importante assinalar que há tanto diferenças como semelhanças entre ambos: o maior contraste entre os casos, contudo, parece dizer respeito à questão fundiária. Basta mencionar que as terras indígenas situadas fora da chamada Amazônia Legal correspondem a somente 2% dos territórios indígenas do país e abrigam cerca de 40% deste segmento populacional; é nesta região que os Guarani-Kaiowá se encontram. Os Wari', por sua vez, não apresentam problemas com a disponibilidade de terras, mas os dados demonstram que a garantia do território não foi capaz de

assegurar condições adequadas de alimentação e nutrição para a população. Voltarei a esse ponto mais adiante.

As semelhanças são muitas, e facilmente observáveis: problemas com saneamento, assistência à saúde, produção de alimentos, acesso à renda, perfis de morbimortalidade caracterizados pelo predomínio de doenças infecciosas e parasitárias e em índices mais elevados que os registrados entre não-índios. Assim, ainda que a ocorrência de desnutrição em áreas indígenas possa causar surpresa ao senso comum, essa descrição mostra um quadro absolutamente coerente, no qual o que de fato causaria estranheza seria a não-observação de casos de desnutrição.

Do caráter estrutural desses fatores – e de sua determinação histórica – decorre a previsibilidade do processo, em que a adoção de medidas ‘emergenciais’ revela-se no mínimo tardia. Isto é: na medida em que a morte de crianças por desnutrição resulta, no caso de Dourados, de um longo e complexo processo, caracterizar e tratar a situação como inesperada é quase um eufemismo. A instalação de um quadro de desnutrição, em âmbito individual ou coletivo, é gradual, o que possibilita a identificação do problema antes que sejam alcançados os índices alarmantes observados em Mato Grosso do Sul, em Rondônia ou em tantos outros estudos de caso (Leite & Santos, 2005). Acredito, portanto, que o caso Wari’ assim deva ser visto: como resultante de uma determinação ampla e prolongada, modulada regional e localmente, e não como um fenômeno imprevisível e surpreendente, somente passível de modificação com medidas emergenciais.

Nesta seção retomo, agora conjuntamente, algumas das discussões apresentadas ao longo do livro, buscando fazer uma síntese dos principais aspectos abordados. Centrarei minha atenção em três eixos específicos: em primeiro lugar, no perfil nutricional wari’, visto como resultante da interação de aspectos biomédicos, ecológicos e socioculturais; em seguida, no exame das mudanças ocorridas em seu sistema alimentar, o que remete à revisão do papel das sociedades indígenas nos processos de mudança social; por fim, em uma breve análise de aspectos relevantes para a superação dos problemas alimentares e nutricionais registrados.

O objeto principal de atenção, no conjunto de dados apresentados e discutidos, diz respeito ao perfil de nutrição da população wari’ da aldeia de Santo André. De modo a traçar este perfil e situá-lo no contexto em que vive a população, foram coletados dados antropométricos e de consumo alimentar, complementados ainda com informações relativas aos seus perfis demográfico e de morbimortalidade, às suas atividades econômicas, à sua trajetória histórica e às idéias nativas relacionadas a crescimento físico, alimentação e nutrição.

Perfil nutricional

Nutrição, saúde e desigualdade

Em termos absolutos, o perfil de nutrição wari', bastante comprometido, reflete a precariedade de suas condições de vida. A gênese de sua sujeição a essas condições, social e historicamente determinada, conduz à dimensão relativa de sua situação, ou seja, ao fato de que a população enfrenta condições 'particularmente' adversas, no contexto mais amplo da população brasileira, e conseqüentemente apresenta um perfil nutricional 'comparativamente' mais comprometido. Os dados antropométricos infantis evidenciam o grau de desigualdade entre os segmentos indígena e não-indígena da população brasileira: entre os Wari', a prevalência de baixa estatura para a idade (62,7%) é seis vezes mais elevada que a média nacional (Bemfam, 1997). Quando avaliada com base no índice peso/idade, a população infantil wari' apresenta uma distância ainda maior do quadro encontrado no segmento não-indígena da população brasileira: a prevalência de baixo peso para a idade (52,5%) é nove vezes maior que aquela registrada no restante do país (5,7%). Além disso, as condições nutricionais estão intimamente associadas às condições de saúde e à capacidade produtiva, dentre outros aspectos da vida cotidiana. Nesse tipo de contexto, esses fatores combinam-se em um processo de determinação mútua que acaba por constituir mais um mecanismo de reprodução das desigualdades entre índios e não-índios.

A dimensão relativa é central à compreensão das condições de saúde desse e de outros povos indígenas do país, e não deve ser perdida de vista nas análises e discussões sobre o tema. Afinal, "(...) evidenciar contrastes e desigualdades é sempre uma ferramenta potencialmente poderosa para municiar segmentos sociais marginalizados na busca de políticas e práticas que pressionem em direção a uma equidade em saúde" (Coimbra Jr. & Santos, 2000: 130). E é em sua dimensão contrastiva que a vulnerabilidade dessa população revela suas reais proporções, concretizando-se na forma de uma desigualdade marcante entre as condições nutricionais observadas no segmento indígena e no restante da população brasileira.

Antes mesmo da descrição detalhada do contexto em que os Wari' se inserem, em suas dimensões histórica, ambiental, social e econômica, o grau de comprometimento de seu perfil nutricional já de início apresenta condições amplamente desfavoráveis. Os índices de desnutrição registrados entre as crianças de Santo André são aqui descritos como alarmantes por diversas razões: em primeiro lugar, por sua indiscutível magnitude, em termos absolutos. Em segundo lugar, pelo fato de prevalências tão elevadas serem registradas ainda hoje, quando a desnutrição infantil progressivamente reduz sua importância no cenário nacional. E finalmente porque, em um contexto em que permanecem largamente desconhecidos

os perfis de nutrição dos povos indígenas do país, é plausível supor que índices semelhantes sejam hoje prevalentes em diversas outras comunidades, posto que as condições de vida da população de Santo André não parecem distanciar-se daquelas descritas, na literatura, para outras comunidades indígenas.

Não discutirei, aqui, a vulnerabilidade biológica que caracteriza essa faixa etária (crianças menores de cinco anos); no entanto, parece importante mencionar que o perfil nutricional observado nesse segmento populacional é condizente com os dados de mortalidade registrados entre as crianças wari'. Os registros de óbitos disponibilizados pela Casa do Índio de Guajará-Mirim revelam que, de todas as mortes ocorridas na população wari' entre 1995 e 2002, 52% correspondiam a crianças menores de cinco anos. No mesmo período, o coeficiente de mortalidade infantil foi, em média, igual a 50,4 óbitos para cada mil nascidos vivos (dados secundários coletados na Casa do Índio de Guajará-Mirim). Vale assinalar o contraste que este número apresenta em relação às médias regionais e nacionais: para os anos de 1994 e 1998, os coeficientes médios do município de Guajará-Mirim foram significativamente mais baixos, chegando a 38,1 e 36,2 óbitos por mil; nos mesmos anos, o estado de Rondônia apresentava coeficientes médios equivalentes a 36,5 e 34,8 óbitos, enquanto em âmbito nacional os valores registrados foram iguais a 40,1 e 36,1 óbitos para cada mil nascidos vivos (Datusus, 2004a).

O perfil nutricional wari' revela, ainda, o sexo feminino como um segmento populacional particularmente suscetível à ocorrência de déficits nutricionais. As mulheres apresentaram ainda flutuações importantes em seu estado nutricional compatíveis com as variações na produção de alimentos ao longo do ciclo anual, o que demonstra sua suscetibilidade à influência dos fatores de ordem ambiental. Não se pode desconsiderar o estresse adicional a que freqüentemente estão expostas as mulheres indígenas em idade reprodutiva, em decorrência de elevadas taxas de fecundidade.

Apesar da escassez de dados demográficos que possibilitem análises sobre os padrões de fecundidade de mulheres indígenas – o que inclui o caso wari' –, uma revisão sobre o tema indica taxas de fecundidade total elevadas, normalmente superiores a seis filhos (Coimbra Jr. & Garnelo, 2004). Vale assinalar que, em 2001, a taxa de fecundidade total para o país era de 2,18 filhos (Datusus, 2004b). Na determinação da elevada fecundidade observada entre os povos indígenas, os autores chamam a atenção para o papel de fatores como o valor atribuído às famílias numerosas, a grande proporção de mulheres casadas, o início relativamente precoce da vida reprodutiva e os pequenos intervalos interpartais. Em que pesem as limitadas possibilidades de generalização, não é incomum que mulheres indígenas passem grande parte de suas vidas grávidas ou amamentando seus filhos, o que aumenta sobremaneira suas necessidades nutricionais. Os autores destacam, ainda, o papel de diversos fatores que colocam as gestantes em situação de maior risco,

como a malária, as enteroparasitoses e a anemia (Coimbra Jr. & Garnelo, 2004). Assinale-se que em Santo André a malária é endêmica, e mesmo na ausência de levantamentos específicos sobre enteroparasitismo ou anemia, as condições ambientais e nutricionais observadas ali permitem supor a ocorrência desses problemas em níveis importantes.

Perfil nutricional e sazonalidade

Outro aspecto que emerge da análise da antropometria nutricional wari', juntamente com os dados de consumo alimentar, diz respeito às significativas flutuações observadas nas condições de nutrição da população ao longo do ciclo anual. De certo modo, o fato revela uma vulnerabilidade adicional da população como um todo, submetida a condições ainda mais desfavoráveis durante parte do ano, isto é, ao longo da estação de chuvas. No entanto, o caráter cíclico dessas variações torna-as previsíveis e representa uma valiosa possibilidade de atuar preventivamente nos segmentos da população mais vulneráveis aos agravos nutricionais.

Um exame mais cuidadoso das flutuações sazonais no perfil nutricional revela o cuidado necessário às extrapolações. Em primeiro lugar, um aspecto central da discussão diz respeito ao caráter preditivo da associação entre estado nutricional e estação do ano. No caso wari', essa associação mostra um agravamento das condições de alimentação e nutrição durante a estação das chuvas. Embora a metodologia aqui adotada não possibilite o estabelecimento de relações causais, os inquéritos alimentares indicam como plausível a hipótese de que uma disponibilidade diminuída de alimentos – especialmente de proteínas de origem animal – durante a época das chuvas constitua um fator preponderante na determinação desse perfil. Situação ambiental semelhante, em termos de pluviosidade, pode ser encontrada entre os Xavánte (Flowers, 1983; Gugelmin, 1995). Contudo, no caso Xavánte as flutuações do estado nutricional apresentam um comportamento bastante distinto, isto é, a associação entre estado nutricional e estação do ano ocorre em sentido oposto, registrando-se um perfil mais favorável durante a estação de chuvas e não durante a seca. Fica evidente, assim, que a compreensão de cada dinâmica só poderá ser dar em âmbito local, identificando-se os fatores mais importantes em cada contexto específico. E tanto essa dinâmica como suas implicações poderão variar significativamente não apenas de um estudo de caso para outro, mas também em um mesmo contexto, por vezes em curtos espaços de tempo. De um ano agrícola para o outro, por exemplo, o quadro registrado pode, naturalmente, apresentar grandes modificações, a depender de uma ampla gama de componentes e de suas inter-relações.

No caso Wari', a ocorrência dessas flutuações no perfil de nutrição da população, de modo concomitante às variações na disponibilidade de alimentos, indica a importância da produção local de alimentos para a dieta do grupo, a despeito de seu significativo envolvimento com o mercado regional. Isto é: embora a aquisição comercial constitua hoje uma fonte importante – cuja oferta é estável, a princípio – de alimentos, a produção para o consumo doméstico – esta sim, ciclicamente variável – ocupa um papel fundamental na determinação das condições de nutrição do grupo.

O acesso ao mercado regional e à potencial regularidade da oferta de alimentos que ele representa não resultou, como a antropometria nutricional demonstra, na estabilização das condições de nutrição da população ao longo do ano. No entanto, a pesca e a caça aparecem como atividades que apresentam um comportamento marcadamente sazonal e resultam em uma disponibilidade proporcionalmente menor de proteínas de origem animal durante as chuvas.

Em termos mais amplos, esses dados indicam especificamente a importância da sazonalidade, uma dimensão da epidemiologia nutricional que, a despeito de suas possíveis implicações, vem sendo sistematicamente desconsiderada no delineamento das pesquisas com populações indígenas no Brasil, nas discussões sobre o tema e também pelos serviços de saúde que prestam assistência a elas. Vale assinalar que o caso wari' não parece ser único, no que diz respeito à existência de variações cíclicas da produção e do consumo de alimentos. Na medida em que a literatura antropológica apresenta numerosos exemplos de flutuações sazonais no rendimento das atividades de subsistência, é de se supor que, ao menos em parte delas, essas variações venham a se refletir em seus perfis de nutrição e, em conseqüência, de morbimortalidade.

O conhecimento desse tipo de dinâmica pode, portanto, contribuir significativamente para o planejamento dos serviços de saúde que atendem não somente essa, mas outras populações indígenas do país – o que, desse modo, justifica a sua inclusão em investigações sobre o tema e ainda nas rotinas de coleta e análise sistemáticas de dados epidemiológicos e nutricionais nesse segmento da população brasileira.

Práticas alimentares e mudanças: por um aprofundamento das discussões

No que diz respeito aos inquéritos alimentares, os perfis de consumo observados revelam a magnitude e o alcance das transformações que tiveram lugar na sociedade wari' após o contato com não-índios. A título de exemplo podem ser mencionadas as evidências da importância dos alimentos introduzidos a partir de então, assim como das implicações nutricionais envolvidas nesse processo. Os Wari'

buscam, no mercado regional, cerca de metade das calorias e um quarto das proteínas de sua dieta. Isso se reflete no marcante predomínio dos itens de introdução pós-contato e em uma participação significativa de produtos refinados em sua dieta, como o açúcar, o arroz polido e o óleo de soja.

Essas informações dão, por certo, uma idéia bastante clara da magnitude, do alcance e das implicações nutricionais das mudanças nos hábitos alimentares wari'. Além disso, um olhar mais pormenorizado pode revelar – e revela, no caso wari' – mudanças importantes mesmo em dimensões e atividades que poderiam ser vistas como tradicionais da vida da população. Quando abordadas em uma perspectiva diacrônica, por exemplo, as atividades econômicas wari' freqüentemente apresentam importantes alterações nas formas pelas quais são realizadas. As mudanças mais evidentes dizem respeito às inovações tecnológicas, que por vezes transformam radicalmente o modo como essas atividades se desenrolam. Assim, a introdução de armas de fogo, anzóis e náilon, canoas, machados, facões e lanternas, entre outros equipamentos, trouxe importantes modificações na caça, na pesca, na agricultura e mesmo na coleta. Para mencionar apenas algumas delas, novos ambientes e espécies ficaram acessíveis, e as novas tecnologias trouxeram maior eficiência para diversas atividades. Não é, entretanto, minha intenção discutir aqui se entre os Wari' ou, em termos mais amplos, os ameríndios esse ganho em eficiência é direcionado à economia de tempo ou ao aumento da produção. O fato é que essas mudanças encontram paralelo em diversos outros contextos etnográficos (para alguns exemplos, ver Hames & Vickers, 1983; Sponsel, 1995). Além disso, novas espécies vegetais e animais foram introduzidas, como também formas de processar os alimentos. Sistemas tradicionais de distribuição de alimentos foram parcialmente substituídos pela comercialização desses itens, e alimentos antes produzidos apenas para o consumo doméstico – a castanha-do-pará, por exemplo – são agora essencialmente destinados ao mercado regional.

Todas essas atividades – exceção feita talvez à agricultura, que apresenta mudanças mais evidentes – poderiam a princípio ser ainda hoje vistas como 'tradicionais', uma vez que eram praticadas já na época do contato e caracterizam, no imaginário popular, a subsistência indígena. Contudo, todas apresentam, sem exceção, profundas modificações nas formas pelas quais são realizadas e/ou em seus objetivos, o que resulta em numerosos desdobramentos de ordem econômica, social e, naturalmente, nutricional. Há que se considerar ainda – embora este não seja o cerne desta discussão – que mesmo práticas existentes na época dos primeiros contatos devem ser vistas como o resultado de uma longa interação, direta ou indireta, com a colonização européia, e não como um retrato de um passado de perfeita adaptação ao ambiente (Fausto, 2001; Viveiros de Castro, 2002).

É interessante observar ainda que a descrição da alimentação wari' com base em critérios diferentes revela novas nuances e implicações dos processos de mudança. Quando o eixo da análise é o conteúdo protéico dos alimentos, apresenta-se um quadro bastante distinto daquele revelado pela contribuição energética dos mesmos itens. Embora uma análise detalhada desses resultados já tenha sido apresentada anteriormente (ver capítulo 3), julgo importante reiterar um dos aspectos identificados. Refiro-me, aqui, à importância conjunta da caça, da pesca e da coleta para a alimentação wari'. Em termos de sua contribuição energética, estas atividades responderam, em média, por apenas 15% da ingesta calórica dos domicílios acompanhados, enquanto a agricultura e o mercado regional são responsáveis por praticamente todo o consumo energético restante. A impressão que se tem, neste momento da análise, é a de que a caça e a pesca têm, juntas, uma pequena importância para a alimentação dos domicílios avaliados.

Quando o critério utilizado para descrever o perfil de consumo alimentar é o conteúdo protéico dos alimentos, no entanto, a importância dessas atividades é redimensionada. Inverte-se por completo, então, o quadro comparativo entre as formas de obtenção de alimentos. Essas atividades respondem por cerca de dois terços de toda a proteína consumida durante os inquéritos, o que corresponde em sua maior parte a proteínas de alto valor biológico. A pesca e a caça, que segundo o critério do aporte energético respondiam por uma proporção muito reduzida da ingesta, vêm a constituir as principais fontes de proteína na alimentação do grupo. É possível afirmar, ao contrário do que os dados a princípio indicavam, que a caça e a pesca desempenham papéis fundamentais na sua alimentação, para não mencionar sua importância em termos econômicos e culturais.

O redimensionamento do papel dessas atividades para a ingesta alimentar do grupo não significa, entretanto, que as mudanças não as tenham afetado, ou que sejam menos significativas do que os dados inicialmente permitiriam supor. Não se trata de tentar mensurar a magnitude das mudanças ocorridas ao longo das últimas décadas; mas a constatação de que os dados podem – e devem – ser reanalisados e ressignificados em óticas diferentes indica que há muitas nuances a serem observadas, e que critérios distintos de avaliação podem revelar transformações em aspectos e magnitudes também diversos.

A análise pormenorizada do consumo de alimentos entre os Wari' demonstra que as mudanças não se limitam a aspectos como a inclusão do mercado regional como uma nova 'fonte' de alimentos, as variações na importância relativa de cada atividade econômica para a sua obtenção, ou as inovações tecnológicas. Em lugar disso, o caso wari' inequivocamente revela, com base no 'exercício' de distintos olhares sobre o problema, o caráter multifacetado das transformações associadas à alimentação e a profundidade, o alcance e a complexidade que as caracterizam. Nesse âmbito, destacam-se as relações que ligam os menores aspectos

envolvidos em todo o conjunto em uma intrincada rede de interações na qual um olhar monodisciplinar é essencialmente pouco produtivo. Evidencia-se, desse modo, a importância de descrições e análises progressivamente mais detalhadas deste e de outros estudos de caso.

Parte dessa discussão assume uma importância de ordem metodológica, uma vez que busco defender, no âmbito da análise dos perfis nutricionais de populações indígenas do Brasil, uma abordagem mais ampla e sensível, portanto, ao papel dos fatores locais na sua definição – o que inclui aspectos de ordem ecológica, econômica, histórica e cultural, dentre outras dimensões possíveis. O olhar resultante é de certo modo sistêmico, na medida em que busca perceber as possíveis relações entre os diversos fatores envolvidos na determinação das condições de alimentação e nutrição da população de Santo André. A proposta, desse modo, é a de uma perspectiva diferenciada, que privilegia a especificidade dos contextos, em lugar de aspectos mais gerais. O exame do caso wari' revela, a meu ver, a produtividade desse tipo de abordagem.

A despeito do seu significado, a riqueza dos dados de consumo alimentar não se esgota nesse nível de análise. É fundamental refletir sobre a natureza e o alcance das mudanças nas práticas alimentares nativas. A descrição de um conjunto de práticas alimentares tradicional, estático e totalmente vulnerável aos hábitos levados por não-índios, sendo progressivamente descaracterizado pelas mudanças – estas, incorporadas de modo acrítico, simplesmente em razão do contato com os novos itens e práticas –, de modo algum corresponde ao quadro que encontrei em Santo André. Em lugar disso, pude observar a existência de um conjunto de idéias a ordenar as práticas alimentares, no qual as mudanças foram incorporadas, ainda que em alguns momentos de forma abrupta para o observador externo, segundo uma lógica inerente à cultura e à sociedade wari'. Ficava evidente, a despeito da presença de numerosos itens alimentares de introdução recente – portanto, o tipo de mudança usualmente documentado na literatura –, a existência de um conjunto de idéias culturalmente específico, e que permeava as condutas relacionadas à produção, ao processamento, à distribuição e ao consumo de alimentos.

Nesse contexto, a oposição 'alimentos tradicionais *versus* introduzidos' mostra-se insuficiente para descrever um sistema caracterizado justamente pela possibilidade de adoção de novos elementos, incorporados não de forma aleatória, mas segundo princípios classificatórios e ordenadores que permeiam o sistema alimentar nativo. Refiro-me aqui à existência de um conjunto de idéias, culturalmente específico, subjacente às práticas alimentares e que permanece atuante a despeito de eventuais modificações. Um conjunto lógico e coerente, permanentemente atualizado e ressignificado. As mudanças, assim, não resultam em "desagregação e anomia" (Viveiros de Castro, 2002: 339). Ainda que as análises centradas na oposição pré- e pós-contato, nos itens alimentares de uso 'tradicional'

e 'introduzido', e no impacto nutricional das modificações dos hábitos alimentares possam eventualmente mostrar-se úteis, elas são insuficientes para dar conta da realidade observada em Santo André. A exemplo do que possivelmente ocorre entre outras sociedades indígenas, o exame do caso wari' revela uma realidade cuja complexidade vai além das dicotomias mencionadas.

Não se trata aqui, portanto, de buscar traços 'tradicionais' nas práticas contemporâneas, mas, em lugar disso, de rever a idéia de que as modificações significam uma descaracterização da cultura nativa. Com isso quero afirmar que, se entre os Wari' podem ser observadas grandes mudanças, no que se refere aos alimentos consumidos, isso não representa uma 'degeneração' de seu sistema alimentar. Esse tipo de interpretação estaria, na verdade, partindo de uma concepção essencializada de cultura, com conteúdos 'cristalizados', fixos, em lugar de um "processo dinâmico e continuamente negociado entre os atores que dela participam" (Langdon, 2004: 46). Poder-se-ia afirmar, assim, que uma cuidadosa observação das mudanças revela, em vez da 'descaracterização' de práticas predefinidas 'e' estáticas, a 'manutenção' de um 'sistema' de práticas culturalmente definido 'mas' dinâmico. A incorporação de elementos ao sistema alimentar não necessariamente significa, no caso wari', ruptura, podendo em lugar disso traduzir-se em continuidade.

Além disso, a adoção de novas práticas alimentares não acontece sem a mediação da população, isto é, sem que as idéias e os valores que permeiam seu cotidiano modulem o processo de mudanças (Fisher, 2000; Lentz, 1991). Trata-se aqui de redimensionar o papel dos indivíduos nesse processo: em lugar de vítimas passivas de processos mais ou menos amplos de mudanças, eles têm um papel central na definição de suas trajetórias, pensando e decidindo, isto é, optando ativamente por suas condutas. Assumir que isso não ocorre é negar aos Wari' a capacidade de julgamento e decisão, o que constitui um argumento de natureza evidentemente etnocêntrica e, portanto, insustentável. Revendo a literatura sobre sociedades indígenas amazônicas, Viveiros de Castro (2002) descreve essa perspectiva como a-histórica, na qual as sociedades indígenas são vistas como entidades passivas ou meramente reativas aos estímulos externos. Nessa ótica, a mudança social seria o "resultado inexorável de determinações externas às sociedades indígenas" (Viveiros de Castro, 2002: 339).

Levado ao extremo, esse argumento se traduziria na incapacidade de autodeterminação dessas sociedades e na impossibilidade de elas participarem ativamente da superação de seus problemas, o que decididamente contrasta com a crescente participação de organizações indígenas nos debates sobre os rumos das políticas de atenção à saúde indígena e na própria execução dessas políticas (Garnelo, Macedo & Brandão, 2003) E, no âmbito específico das discussões sobre a questão alimentar em áreas indígenas, significaria mesmo negar-lhes a participação

nos debates e relegá-las ao papel de objetos de intervenções exteriores à realidade local. Assim, a relação de passividade e sujeição a determinantes externos, como causa das mudanças e dos problemas decorrentes, estaria mais uma vez reproduzida no contexto da solução desses mesmos problemas.

É importante assinalar que não se trata aqui de uma discussão puramente teórica, sem quaisquer implicações práticas. Os exemplos da relevância do tema se sucedem nas diversas seções do livro. A localização das roças e a escolha dos cultivos baseiam-se não somente em aspectos econômicos ou preferências pessoais, mas em princípios culturalmente específicos que definem a distância entre suas habitações e a localização das plantações, e ainda o reconhecimento das áreas apropriadas para o cultivo (também particulares à cultura wari'). Os cuidados com a alimentação dos doentes, os ideais de corporalidade, a amamentação e os cuidados dispensados pelos pais a seus filhos se baseiam em princípios culturalmente específicos e apresentam implicações práticas evidentes, discutidas também ao longo do livro.³⁸ Esse tipo de reflexão envolve, portanto, desdobramentos práticos bastante relevantes.

O fundamental, a meu ver, é de certo modo redefinir ou, ao menos, relativizar o conceito de mudanças nas práticas alimentares. As idéias de vulnerabilidade, passividade – tanto dos sistemas alimentares como um todo quanto dos indivíduos no papel de mediadores do processo – e descaracterização opõem-se radicalmente à realidade wari'. Em meio a importantes e visíveis inovações, que vão da inclusão de novos itens alimentares a modos de produção e distribuição, seu sistema alimentar revela a persistência de um conjunto de conceitos coerente e em consonância com outras dimensões do pensamento e das práticas cotidianas wari'. Quando eu observava suas condutas e seus discursos, podia perceber claramente o convívio de duas tendências diametralmente opostas, mas não conflitantes, apesar disso: de um lado, uma abertura evidente à incorporação de novos elementos; de outro, a persistência de idéias, valores e práticas culturalmente específicas relacionadas à alimentação. Desse modo, seu sistema alimentar revelava, ainda que em meio a inovações bastante significativas, o que Lentz (1991: 12) define, em contextos de mudanças dietéticas, como uma "ampla continuidade e uma impressionante tenacidade dos formatos e sabores habituais".

Não pretendo, assinalar-se, minimizar a magnitude das mudanças e de seus impactos sobre os perfis de saúde de populações indígenas. Em lugar disso, espero haver logrado mostrar as limitações das análises centradas nas oposições que mencionei em parágrafos anteriores, isto é, o fato de que, ao desconsiderarem o caráter dinâmico da cultura e do pensamento nativo, limitam sobremaneira as possibilidades de compreensão dos processos de mudança. Elas acabam por homogeneizar, ou tratar como essencialmente semelhantes, uma gama de situações distintas. E deixam de lado, assim, uma riqueza de detalhes que pode comprometer

não apenas o entendimento das dinâmicas locais, mas também as possibilidades de superação ou atenuação dos possíveis efeitos negativos das modificações.

O exame do caso wari' indica que a compreensão dos princípios que permeiam os sistemas alimentares nativos constitui passo fundamental e obrigatoriamente anterior a qualquer intervenção no campo das práticas alimentares. Acredito, dessa maneira, que maior ênfase deva ser dada justamente aos aspectos que tornam únicas as formas pelas quais essas transformações acontecem, ou seja, aos fatores de ordem cultural, social e ainda ecológica, dentre outros, que modulam as modificações no âmbito das condutas relacionadas à alimentação e, por conseguinte, seus reflexos sobre os perfis de nutrição e saúde dessas populações.

Contextualizando transformações

Um exemplo paradigmático das mudanças no sistema alimentar wari' diz respeito à substituição, como principal cultivo, de um cereal (o milho) por um tubérculo (a mandioca). Uma análise do caso apresenta nuances interessantes e possibilita uma reavaliação do papel dos sujeitos e de suas idéias em contextos de mudanças. Para além da transformação que constitui a própria substituição de um cultivo por outro, uma grande modificação relaciona-se à produção de excedentes destinados ao mercado regional, o que representa uma modificação significativa nas características da agricultura e da economia do grupo. A análise dos perfis de consumo alimentar de domicílios selecionados, além disso, revela que a mudança afeta as práticas alimentares diárias: a farinha de mandioca também ocupa, hoje, o lugar do milho como a base da sua alimentação.

A importância da mandioca no cotidiano wari', no entanto, apresenta um contraste marcante com o valor apenas marginal que eles atribuem ao produto como alimento (ver capítulo 3). A situação observada é, de certa forma, paradoxal: os Wari' apreciam sobremaneira o milho e seus derivados, considerando-o o alimento por excelência, responsável pela produção de sangue, gordura corporal e, portanto, saúde e vigor físico. A despeito disso, produzem e consomem-no em quantidades reduzidas, se comparadas à farinha de mandioca. Esta, por sua vez, apresenta características radicalmente opostas: comparativamente ao milho, é pouco apreciada, e também menos valorizada como alimento, isto é, como um item capaz de proporcionar saúde e vigor. Apesar disso, é produzida em larga escala e consumida diariamente, ao longo de todo o ano. Nos domicílios acompanhados nos inquéritos alimentares, sem exceção, constitui a principal fonte de calorias na dieta. Situação semelhante foi registrada por Delgado (1991) nos Andes peruanos, onde o milho e algumas variedades de batata, embora considerados os alimentos

por excelência, perderam espaço na alimentação cotidiana para o trigo, a cevada e as favas.

O que explica esse – ao menos aparente – paradoxo? Isto é: sendo o milho tão valorizado, por que é tão pouco produzido e consumido? E por que ocorre o contrário com a farinha, sendo pouco apreciada, mas ainda assim largamente consumida? Não há uma resposta única para essa situação, mas um conjunto de fatores que, interagindo entre si, possibilita a instalação do quadro e a sua manutenção. A descrição desses fatores, por sua vez, retira da situação observada seu caráter paradoxal.

Na argumentação que se segue, como se verá, espero deixar claro que os Wari' desempenham um papel ativo e, portanto, fundamental na trajetória seguida pelo grupo, o que inclui a adoção de novos elementos em seu cotidiano. Pensar de outro modo, ou seja, que houve uma aceitação do tubérculo pela mera 'exposição' ao novo item, ou apenas por algum tipo de insistência por parte dos agentes do contato, e que por uma espécie de inércia ainda hoje ele é plantado, consumido e comercializado, apesar de a população não considerá-lo o melhor dos alimentos, é negar aos Wari' a capacidade de julgamento e decisão e relegá-los ao papel de, como já mencionei, vítimas passivas das influências externas à sua sociedade. Além disso, especialmente se considerados os aspectos ecológicos e econômicos envolvidos, em alguma medida eu aproximaria essa análise das visões que privilegiam o papel dessas forças na determinação da estrutura social e das trajetórias das sociedades ameríndias (para uma revisão, ver Viveiros de Castro, 2002).

Os Wari', por certo, têm motivos importantes para não abandonar o consumo e o cultivo do milho, elemento central que é em sua sociabilidade e em sua etnomedicina. Apesar disso, a aceitação da mandioca parece haver sido facilitada por alguns motivos. Como já mostrado no capítulo 3, a conversão ao protestantismo está associada ao fim das festas que celebravam alianças entre comunidades, nas quais grandes quantidades de milho eram processadas e consumidas sob a forma de *tokwa* fermentada. Poder-se-ia afirmar, assim, que parte do papel do milho na sociabilidade wari' – aquela reafirmada durante as festas – deixa de ser manifesta, assim como a demanda, com esse fim, por uma produção significativa do cereal. Além disso, por motivos que busquei detalhar no mesmo capítulo, acredito que de certo modo a conversão parece favorecer o envolvimento com o mercado regional, o que a população de Santo André consegue principalmente com a comercialização da farinha de mandioca.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à equivalência entre o milho, alimento wari' por excelência, e a mandioca, alimento dos brancos. É possível afirmar que a farinha de mandioca é, para o *wijam*, exatamente o mesmo que *kwata* (farinha de milho) para os Wari'. A equivalência entre a mandioca e o milho,

no entanto, é mais profunda e complexa que aquela sugerida por quaisquer semelhanças ou pelo papel de cada alimento no sistema alimentar branco e indígena, respectivamente. Ela refere-se antes à possibilidade, na cosmologia wari', de adoção de posições distintas, que por sua vez estabelecem perspectivas também diversas. Nesse contexto, haveria diferenças nas perspectivas e não exatamente nos objetos; o que muda, essencialmente, é o olhar sobre o objeto, o alimento, e não o alimento em si. Desse modo, a própria idéia de que há uma mudança drástica (quando substituem o milho pela mandioca) pode ser revista, à luz das falas wari' sobre posições e perspectivas e do modo como descrevem como estão se tornando brancos, ao mesmo tempo que se mantêm wari'.

Na cosmologia wari', a capacidade de ver como comida alimentos de outros seres – e os não-índios encaixam-se nessa categoria – está diretamente ligada à possibilidade de ocupar a sua posição. Assim, comer como brancos significa assumir a posição destes últimos, isto é, transformar-se. Em última instância, portanto, quando comem como brancos permanecem essencialmente comendo e pensando como wari'. Em uma situação que poderia ser descrita como resultante de mudanças radicais e descaracterização de suas práticas tradicionais, acredito ver plenamente atuante a visão de mundo wari'.

A mandioca, assim, encontra no sistema alimentar nativo produtos vistos como essencialmente similares pelos Wari': um deles é a macaxeira, tubérculo que vem a 'emprestar' seu nome (*kop*) para a mandioca.³⁹ Como já visto, o outro – este similar não ao tubérculo, mas ao seu subproduto, a farinha – é *kwata*, a farinha de milho, que também devido à semelhança cede sua denominação para o derivado da mandioca (*kaxikon kwata*, isto é, *kwata* estranha/diferente). A utilização da mandioca em sua alimentação, portanto, não exigiu nenhuma mudança nas características gerais da refeição wari', que, embora não se realizando em sua forma ideal, é satisfatoriamente atendida (para mais detalhes, ver capítulo 3). Isso significa que, apesar de não ser considerada a melhor das opções em termos alimentares, a mandioca se encaixa sem problemas ou conflitos em sua alimentação diária.

No caso wari', portanto, parece coerente a hipótese de que a adoção de estratégias economicamente atraentes seja facilitada nos casos em que as inovações dietéticas decorrentes se encaixam na composição usual das refeições (Lentz, 1991). O mesmo princípio pode ser observado em contextos distintos como a gradual substituição do centeio pela mandioca na Zâmbia (von Oppen, 1991) e do centeio pelo sorgo no Sudão (Theis, 1991). Além disso, o seu cultivo adaptou-se às formas de cultivo nativas, ou seja, à agricultura de corte-e-queima, e com menos exigências até em termos de solos.

Atribuir a mudança unicamente a aspectos econômicos, contudo, constitui uma simplificação da questão. Não defendo a preponderância desses fatores ou, de

modo geral, a dos aspectos de ordem material no delineamento da cultura e do comportamento humano, portanto não compartilho de um ponto de vista essencialmente materialista, como proposto por diversos autores (Harner, 2000; Harris, 1974). Acredito que, no caso wari', a mudança representada pelo aumento da importância da mandioca na economia e na alimentação atendeu a determinantes econômicos e ambientais, mas foi modulada e possibilitada por não representar uma transformação radical em suas práticas alimentares, e ainda pela centralidade da noção de perspectiva na cosmologia wari'. Não creio, portanto, haver uma preponderância de aspectos materiais sobre os culturais, na determinação da trajetória observada.

O caráter dinâmico-reversível das mudanças também deve ser considerado. O acesso a bons solos é, como mencionado, um pré-requisito para o cultivo do milho, e de modo geral os Wari' de Santo André hoje precisam percorrer maiores distâncias para encontrá-los. A distância entre as roças e os domicílios, aumentada, contraria o ideal wari' e representa um obstáculo para o cultivo do milho. Mas, ainda que não haja quaisquer modificações nesse quadro, é francamente possível que em um próximo ano agrícola mais famílias decidam abrir roças nesses locais, apesar da distância, por considerarem insatisfatória sua alimentação atual e desejarem consumir milho e seus derivados, ou porque o preço da farinha no mercado venha a se tornar menos atraente. O quadro, então, poderia mudar significativamente de um ano para o outro, simplesmente porque o processo de avaliação e decisão dos Wari' mostrou mais vantagens em outros modos de produção, em um processo essencialmente dinâmico.

A título de exemplo, uma análise dos perfis de nutrição, morbimortalidade e da demografia dos Xavante revela perfis muito distintos entre comunidades diferentes – a despeito da existência de uma mesma base genética e cultural –, resultado de diferentes trajetórias históricas de contato e interação com não-índios. Os Xavante constituem um exemplo claro dessa dinâmica e de sua importância no contexto das políticas de saúde que atendem as populações indígenas do país (Leite et al., 2003).

Dessa argumentação depreende-se que os dados wari' apresentam uma especificidade que limita as possibilidades de extrapolação para outros contextos etnográficos. No entanto, as análises que eles permitem ganham alcance na medida em que são exploradas as teias de inter-relações entre os mais diversos fatores que permeiam seu cotidiano, que acabam por delinear suas condições de alimentação e nutrição e, conseqüentemente, de saúde. É nessa perspectiva que o estudo se mostra particularmente útil à compreensão de outras situações, ao demonstrar, em termos objetivos, a relevância e o significado de uma atenção à saúde efetivamente diferenciada e culturalmente sensível às especificidades dos povos indígenas do país.

No que se refere especificamente a essa dimensão, o caso wari' revela inequivocamente o cuidado e o esforço metodológico necessários à compreensão dos contextos que caracterizam o segmento indígena da população brasileira, nos quais se concretizam as suas condições de saúde e nutrição. Esse cuidado deverá estender-se, logicamente, ao planejamento e à execução de iniciativas que visem à modificação dessas condições. Desnecessário dizer que quaisquer estratégias devem ser rigorosamente acompanhadas e avaliadas, de modo que, independentemente dos resultados obtidos, possam subsidiar esforços semelhantes a serem realizados posteriormente, na mesma comunidade ou não. É, a meu ver, imprescindível que os profissionais envolvidos, direta ou indiretamente, na prestação de cuidados à saúde das populações indígenas – o que inclui a questão nutricional – sejam suficientemente sensibilizados acerca do significado e da importância da atenção diferenciada a esses povos.

A análise do caso de Santo André oferece uma gama de exemplos que justificam esse argumento. Para ser breve, basta lembrar como os Wari' mostravam-se desconfortáveis e constrangidos nos momentos das pesagens, caso acreditassem que haviam emagrecido – mesmo quando eu já estava há meses entre eles. Além disso, vale assinalar o cuidado necessário à comunicação do diagnóstico nutricional infantil, devido às concepções nativas de construção do corpo e da sua organização social. Como mostrado em detalhe no capítulo 3, o bem-estar infantil encontra-se diretamente relacionado, na cultura wari', aos cuidados a serem dispensados pelos pais à criança, e sua inadequação é passível de duras críticas por parte do restante da população e, principalmente, dos parentes mais próximos. Desse modo, o eventual diagnóstico de desnutrição, procedimento simples e familiar à grande maioria dos profissionais, remete diretamente à responsabilidade dos pais, depõe contra seu comportamento e os expõe às críticas coletivas. Para não mencionar a dimensão ética do cuidado exigido nesse contexto, apresenta-se uma questão prática, envolvendo mesmo a possibilidade de acompanhamento subsequente e a própria evolução clínica da criança.

O caso wari': perspectivas de superação dos problemas

Após algumas considerações iniciais, apresentarei aspectos do sistema alimentar wari' que, a meu ver, devem ser considerados em quaisquer tentativas de superação dos problemas nutricionais observados em Santo André. Quero destacar que entendo que a opção por intervenções, contudo, só pode acontecer no contexto de discussões mais amplas, e que contem com a participação efetiva da comunidade e dos setores que possam, de alguma forma, contribuir para a sua operacionalização. O modo como isso se dará, contudo, é um aspecto fundamental do processo. Aparecida Vilaça (comunicação pessoal) chama a atenção

para o fato de que fóruns coletivos de discussão não são familiares aos Wari', a despeito da presença por vezes numerosa em reuniões organizadas por não-índios nas aldeias (como funcionários da Funai e da Funasa, por exemplo). Assim, embora possam parecer acessíveis, democráticos e produtivos aos olhos de planejadores e profissionais da saúde, é pouco provável que esses fóruns cheguem a atingir o resultado esperado. Considerando a importância dos núcleos familiares como instâncias decisórias importantes, especialmente em termos econômicos, acredito que é no âmbito dos domicílios que as discussões apresentam mais chances de resultarem produtivas.

A ocorrência de problemas de sustentabilidade alimentar em áreas indígenas tem sido, de modo geral, associada ao acesso à terra e aos recursos naturais, alcançando o problema maior gravidade onde a questão fundiária ainda não foi regularizada, onde são insuficientes as áreas destinadas aos povos indígenas, ou quando há invasões dos territórios indígenas por não-índios, em muitos casos envolvendo atividades de grande impacto ambiental, como a extração de madeira ou minérios (Consea, 2004; Figueroa, 2004; Fórum Nacional para Elaboração da Política Nacional de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Sustentável dos Povos Indígenas do Brasil, 2003; Inesc/Peti-MN/Anai-BA, 1995; Ricardo, 2003). O caso de Santo André, contudo, não se encaixa exatamente nesse perfil. A situação fundiária está regularizada, e a área demarcada não é reduzida, não havendo conflitos pela terra ou degradação induzida pela presença e atividade de não-índios. Tampouco ocorrem secas prolongadas, como nas terras indígenas situadas na região Nordeste do país. Apesar disso, os problemas nutricionais – leia-se aqui desnutrição – estão presentes, e em magnitude muito elevada. Poder-se-ia pensar, portanto, em uma situação absolutamente atípica, que de algum modo justificasse os índices observados. Porém, a descrição do caso wari' não apresenta características surpreendentes ou incomuns.

Em lugar disso, os elementos que a compõem – fixação dos aldeamentos; redução da mobilidade; aumento da pressão sobre os recursos naturais nos arredores das aldeias, agora fixas; articulação com o mercado regional, em bases essencialmente desiguais; precariedade das condições sanitárias; elevadas taxas de morbidade e de mortalidade, com o predomínio das doenças infecciosas em ambas as dimensões, entre outros aspectos – são comuns a outros estudos de caso e parecem caracterizar, de modo geral, grande parte das populações indígenas (Santos & Coimbra Jr., 2003). As condições nutricionais wari', portanto, não resultam de um contexto incomum, de ocorrência particular a essa população, mas de elementos que são, antes, comuns a muitas outras sociedades indígenas contemporâneas. Isso significa que, a despeito da escassez de dados nutricionais para o conjunto das populações indígenas do país, é plausível supor que perfis de nutrição semelhantes, ou seja, caracterizados pela precariedade, ocorram em um

número significativo de comunidades – mesmo onde há terras suficientes, a princípio, para o sustento das populações que as habitam.

Em face dos achados que descrevem como inadequada a situação nutricional da população, é justamente o caráter comum da descrição que confere maior relevância ao caso – isto porque, mesmo na ausência de problemas fundiários e de acesso aos recursos naturais, observam-se condições de alimentação e nutrição essencialmente desfavoráveis. O caso wari' revela outro tipo de situação, em que o acesso a esses recursos é assegurado, mas mostra-se insuficiente para garantir boas condições nutricionais para as populações nativas.

Uma pergunta que o caso wari' parece responder de modo contundente, desse modo, é a seguinte: uma vez acessíveis a terra e seus recursos naturais, e enquanto o crescimento populacional não ameaçar o uso em níveis sustentáveis desses recursos, estarão garantidas também as condições de alimentação e nutrição das populações indígenas? Isto é: ao menos nesses casos estariam asseguradas condições satisfatórias?

Infelizmente, a resposta parece ser negativa. A situação nutricional da população da aldeia Santo André pode, como se viu, ser caracterizada como bastante precária. O que parece evidente é que, no âmbito das discussões sobre as condições de alimentação e nutrição dos povos indígenas, há que se dar um passo além da questão fundiária, ou seja: há que se reconhecer, para além do atual consenso acerca da relevância da garantia de acesso à terra e aos recursos naturais, a necessidade de se proverem a essas populações meios para que isso de fato resulte em condições nutricionais adequadas. De outro modo, corre-se o risco de, ao assumir que a demarcação das terras indígenas basta para garantir condições satisfatórias de alimentação e nutrição, reduzir a questão à possibilidade de produzir alimentos para o consumo próprio, o que constitui uma supersimplificação da realidade, insuficiente para dar conta de um problema de determinação múltipla e complexa.

Alimentos e recursos financeiros

Em um panorama em que os déficits nutricionais apresentam uma grande magnitude, e no qual o acesso da população aos alimentos divide-se entre a produção para consumo próprio e a sua aquisição no mercado regional, a reflexão sobre as possibilidades de superação dos problemas nutricionais observados em Santo André inicialmente destaca, por motivos lógicos, dois aspectos. O primeiro deles diz respeito à produção de alimentos em suas terras; o segundo, à inserção do grupo no mercado regional e, mais especificamente, ao acesso a recursos financeiros. Ambos referem-se, assim, às atividades produtivas desenvolvidas pela população. Um terceiro aspecto, menos evidente e geralmente ausente das

discussões sobre o tema, diz respeito aos perfis de saúde da população e refere-se, portanto, às condições sanitárias e à assistência à saúde prestada à população.

No que se refere aos dois primeiros, há que se assinalar inicialmente que a relação entre desenvolvimento agrícola ou rural e estado nutricional não é necessariamente direta, o que tem levado à busca pelas formas mais adequadas para identificar as ligações existentes (Bénéfice & Simondon, 1993; Brun, Reynaud & Chevassus-Agnes, 1989; Fleuret & Fleuret, 1980; Huss-Ashmore & Curry, 1989; Prehm & Haedrich, 1991). Mesmo o aumento na produção de alimentos não assegura o seu consumo, a não ser que isso se faça à luz das práticas alimentares e econômicas locais. Não há, por exemplo, garantia de que a produção será consumida e não comercializada, ou de que a renda obtida no caso da comercialização será aplicada na compra de alimentos. E ainda que seja este o destino dos recursos obtidos, o poder de compra do dinheiro, em termos calóricos, pode simplesmente ser inferior ao gasto energético necessário à sua obtenção (Dewey, 1981). No caso wari', não é improvável que, com a produção de arroz ou feijão, por exemplo, a verba anteriormente destinada à compra destes produtos seja transferida para a compra de alimentos com baixo valor nutricional, como refrigerantes, ou de itens não-alimentares, como roupas ou televisões. O que seria, reconheça-se, absolutamente legítimo. Conseqüentemente, também não é improvável que o aumento da produção de alimentos destinados exclusivamente ao consumo doméstico não resulte em modificações significativas nas condições nutricionais da população.

Além disso, o potencial aumento dos níveis de atividade física pode limitar de modo geral as vantagens de uma disponibilidade maior de alimentos, ou ainda torná-la por demais custosa a um segmento populacional específico, como as mulheres. Mesmo que haja um saldo positivo, como será mostrado mais adiante, a persistência de condições sanitárias inadequadas pode neutralizar os ganhos com as mudanças. A idéia de que programas que aumentem a produção de alimentos ou elevem a renda resultam em uma melhora das condições de alimentação e nutrição, freqüentemente implícita na definição das intervenções, é por demais simplista e não corresponde ao caráter multifacetado dos problemas nutricionais (Fleuret & Fleuret, 1986). Além disso, embora o presente estudo não tenha abordado especificamente dados de alocação de tempo ou de produtividade, é possível que, com os recursos materiais atualmente disponíveis, o aumento da produção encontre limites no tempo disponível para a produção de alimentos e resulte em maior degradação ambiental. Uma simulação feita entre os Tsimane', na Bolívia, indica que para que os ganhos resultantes do cultivo do arroz para a comercialização alcançassem US\$ 1/pessoa/dia, a área desmatada triplicaria em dez anos, o trabalho requerido superaria as possibilidades dos domicílios e o tempo de intervalo entre os cultivos cairia pela metade. Os autores concluem que para evitar o desmatamento

conseqüente à agricultura comercial são necessários o aumento da produtividade, a diversificação de fontes de renda ou ambos (Vadez et al., 2005).

Feitas essas ressalvas, vale assinalar que a economia wari' é hoje caracterizada por uma certa 'monotonia', estando baseada na produção de farinha de mandioca, seja para o consumo doméstico, seja para a comercialização. A diversificação das atividades econômicas é uma possibilidade que apresentaria aspectos positivos, no que concerne tanto à produção de alimentos como à sua dimensão estritamente 'monetária'. Em termos nutricionais, mas desde que se adequando às práticas e preferências alimentares wari', a diversificação apresenta vantagens óbvias, diminuindo o risco de perdas de safras e assegurando, ao menos com a produção de itens alimentares não-comercializáveis, o acesso à alimentação – aumentando, ainda, as chances de serem atendidas as necessidades orgânicas de uma gama maior de nutrientes. Em termos econômicos, representa a redução dos riscos inerentes à centralização da economia em uma única atividade, e que envolvem desde a possibilidade de problemas com as safras até a vulnerabilidade às flutuações nos preços do mercado.

Um aspecto que pode favorecer especificamente as intervenções direcionadas à produção de alimentos é o fato de que os Wari' atribuíam uma grande importância aos cultivos – refiro-me aqui especificamente a outros itens, que não a mandioca – destinados ao consumo doméstico. Além disso, a posse de roças dedicadas ao cultivo de milho, banana, batata-doce e cará era mencionada como um fator de distinção entre os domicílios e como indicador de que seus proprietários comiam bem, isto é, tinham acesso a uma alimentação farta e diversificada. Em situação oposta encontravam-se aquelas que concentravam seus esforços no cultivo da mandioca e na produção de farinha e em razão disso apresentavam, em seu discurso, uma dieta menos variada e satisfatória. Em diversas falas, a idéia de fartura de alimentos era associada à existência, em um passado recente, de grandes roças de milho.

Há, no entanto, mais alguns aspectos a serem considerados nessa discussão. Atualmente, o acesso dos Wari' aos alimentos não acontece somente por meio da sua produção dentro dos limites de suas terras: os inquéritos de consumo indicam que cerca de 50% das calorias ingeridas provêm de produtos adquiridos no mercado regional. Esta informação não deve ser levemente interpretada: é importante assinalar que a compra de alimentos não acontece pela impossibilidade de produzi-los em quantidade suficiente em suas terras. Tal interpretação pode ser descrita como pueril e não corresponde à situação wari'.

É verdade que determinados itens – como açúcar, sal e óleo de cozinha – não são produzidos por eles, estando disponíveis somente no mercado regional. No entanto, os perfis de consumo alimentar são heterogêneos, havendo tanto domicílios que restringem suas compras de comida a esses itens como outros que adquirem

uma lista mais extensa de produtos. Todos, assinale-se, têm acesso aos mesmos meios para produzir comida, o que indica o papel preponderante das opções pessoais na determinação da participação das compras na dieta. Ou seja: os Wari' não compram alimentos simplesmente porque lhes 'falta' comida em termos absolutos, não restando outra alternativa; eles o fazem, em alguma medida, por escolha própria. Além disso, suas compras decididamente não têm como único objetivo saciar a fome ou atender a necessidades nutricionais específicas. Nem deveriam. Esta é, aliás, uma questão que não pode ser desconsiderada nas intervenções direcionadas à segurança alimentar das populações indígenas.

Também é importante assinalar que, quando falavam sobre a realização de projetos de desenvolvimento, as expectativas wari' pareciam menos direcionadas à produção de alimentos do que à busca por atividades econômicas viáveis, capazes de gerar renda – o que ficava patente em seus discursos e em sua atenção permanente a quaisquer possibilidades nesse sentido. Além disso, o acesso aos recursos financeiros constitui um elemento fundamental à realização de outras atividades econômicas, como a caça e a pesca, na medida em que possibilita a compra de anzóis, náilon e munição, itens de custo particularmente elevado.

O crescente espaço ocupado pela mandioca na agricultura wari', por exemplo, parece resultar antes dessa demanda – já que ela constitui um dos poucos produtos comercializáveis em sua economia – que de uma preferência pela mandioca. Isso era evidente nos discursos wari' sobre os alimentos, que valorizavam apenas marginalmente a farinha de mandioca, atrás do milho e de seus derivados, e ainda de tubérculos de consumo tradicional, como o cará e a batata-doce.

Assim, se por um lado a produção de alimentos ocupa um lugar importante no pensamento do grupo, que tem uma idéia bastante precisa do que considera condições adequadas de alimentação e nutrição, por outro os Wari' manifestam uma viva demanda por atividades capazes de gerar renda. Contemporaneamente, nenhuma dessas dimensões corresponde, de modo geral, às expectativas da população. Ambas, portanto, devem ser contempladas – conjuntamente – na definição de programas de desenvolvimento comunitário, ou de políticas direcionadas à segurança alimentar e nutricional wari'. Em termos mais amplos, a identificação das atividades econômicas e dos padrões de alocação de tempo e de recursos que possibilitem, de um lado, a garantia de condições adequadas de alimentação e nutrição e, de outro, o atendimento da demanda da população por recursos financeiros constitui, indubitavelmente, um desafio para os programas de intervenção nessa área – e, dessa maneira, um aspecto central ao debate sobre segurança alimentar, a ser contemplado em futuras investigações.

De todo modo, conclui-se que a disponibilidade de recursos financeiros é, hoje, um fator fundamental para o acesso da população à alimentação. Qualquer tipo de intervenção voltada para a melhora das condições nutricionais da população

deve, conseqüentemente, contemplar também a geração de recursos financeiros. Esta questão era motivo constante de preocupação entre os Wari', que permaneciam atentos a quaisquer alternativas econômicas mais vantajosas que a comercialização da farinha. Em face desse interesse, ações voltadas exclusivamente para a produção de alimentos para o consumo doméstico, além de só resolverem parcialmente o problema, possivelmente teriam uma aceitação apenas limitada pela população.

É importante observar que a venda de produtos pelos wari' encontra uma série de obstáculos. No caso da farinha de mandioca, a população enfrenta dificuldades relativas não somente aos preços relativamente baixos praticados no mercado regional, mas ainda às flutuações cíclicas nas cotações do produto. Embora ocupem na economia regional uma posição nada desprezível como consumidores – principalmente de alimentos, mas também de itens não-alimentícios –, como produtores os Wari' acabam atuando como mão-de-obra barata, tendo sua força de trabalho explorada, indiretamente, na produção dos gêneros que comercializam.

Intervenções direcionadas à melhora das condições de alimentação e nutrição não podem, além disso, desconsiderar o papel das famílias nucleares como unidades econômicas e 'pólos' de decisão. A importância econômica dos domicílios é um aspecto fundamental à sociedade wari' e fica evidente no planejamento e na realização das diversas atividades econômicas: mesmo quando envolvem grupos extensos, existe uma separação marcada entre os núcleos familiares que os compõem. Trata-se, portanto, de um aspecto crucial para a organização e o planejamento de quaisquer atividades laborais a serem implantadas na comunidade. Sua relevância não se limita à organização da produção e do eventual processamento/beneficiamento dos produtos, mas estende-se às estratégias de escoamento da produção e sua comercialização. Além disso, é importante assinalar que, apesar da existência de trabalho coletivo entre os Wari', este acontece em situações muito específicas, e não corresponde exatamente à idéia de cooperação traduzível pela soma de esforços para a produção e a posterior partilha dos produtos obtidos.

Juntos, esses princípios de organização se refletem no insucesso de estratégias coletivas de produção estimuladas até recentemente entre o grupo, como a implantação de roças comunitárias. Quando cheguei a Santo André, existia uma área que havia sido recentemente roçada com a ajuda de um trator cedido pela Funai, sendo parte dela destinada ao cultivo coletivo de mandioca e o restante distribuído entre algumas famílias. As roças 'administradas' por famílias nucleares permaneciam produzindo, enquanto a roça coletiva havia sido abandonada. Todos os Wari' com quem conversei, sem exceção, afirmaram que esse tipo de iniciativa não era compatível com seu modo de trabalho e que cada roça devia idealmente ser cuidada por um núcleo familiar.

Nutrição e sazonalidade

Um aspecto adicional a ser considerado diz respeito à ocorrência de flutuações (se não escassez) cíclicas no acesso da população tanto a alimentos como a recursos financeiros – com o agravante, assinala-se, de essas flutuações terem lugar em um contexto no qual prevalecem precárias condições sanitárias e um perfil de morbidade caracterizado pelo predomínio das doenças infecciosas e parasitárias. Juntos, esses fatores favorecem não apenas o comprometimento do estado nutricional da população e a sua manutenção em níveis inadequados, mas o agravamento cíclico do quadro. Os dados revelam que durante a estação das chuvas – e particularmente o período compreendido entre o início do plantio e as primeiras colheitas – tem lugar um comprometimento ainda mais pronunciado do perfil de nutrição da população como um todo, já bastante precário. Minimizar a magnitude dessas variações do perfil nutricional, e até eliminá-las por completo, deve ser uma prioridade das intervenções relacionadas à dimensão nutricional da saúde wari’.

Os perfis de consumo de alimentos indicam condições particularmente desfavoráveis durante essa estação, com uma disponibilidade reduzida de grãos, tubérculos (cará e batata-doce, para ser mais preciso) e pescado. Na medida em que a produção agrícola destina-se tanto ao consumo doméstico como à venda, a proporção entre esses componentes é um aspecto crucial do problema. As duas ‘classes’ de cultivo (divisão esta simplista e nem sempre real, já que a mandioca é produzida com os dois objetivos) disputam não somente as terras cultiváveis, mas também o tempo dedicado ao trabalho em cada uma delas. Como já mencionei, trata-se de um equilíbrio delicado, nem sempre mantido em bases satisfatórias por todos os domicílios. No entanto, o fato de haver, entre os Wari’, cultivos destinados quase que exclusivamente ao consumo doméstico, como o milho-mole, a batata-doce e o cará, além de frutos como a banana, o mamão e o abacaxi, indica a possibilidade de investimento em intervenções direcionadas à produção de alimentos. O consumo desses itens em âmbito doméstico estaria, assim, praticamente assegurado.

Uma limitação nutricional importante no período das chuvas parece ser aquela relativa à ingesta protéica, em consequência da menor produtividade da pesca durante a estação e do progressivo esgotamento da caça. Assim, o teor de proteínas dos alimentos a serem produzidos e consumidos nessa época do ano constitui um aspecto relevante para a superação do problema. A seleção dos cultivos mais adequados, do ponto de vista nutricional, deve acontecer após a definição das reais possibilidades de produção ante as condições ambientais e a disponibilidade de recursos, e obviamente em discussões que contem com a participação da população.

No entanto, é importante lembrar que a obtenção de proteínas de outros alimentos que não a caça ou a pesca, embora possivelmente adequada do ponto de vista 'bioquímico-nutricional', não se mostra necessariamente apropriada sob o olhar nativo. Os Wari' atribuem um valor diferenciado a alimentos distintos e valorizam sobremaneira os produtos da caça. Isso significa que a sua importância vai muito além do aporte protéico trazido à dieta: a atividade apresenta relevância central no pensamento do grupo, e não há a menor equivalência entre leite e carne de *mijak* (queixada), por exemplo. Do mesmo modo, voltar de uma caçada com um, dois ou três *mijak* de modo algum equivaleria a sacrificar os mesmos animais criados em cativeiro, embora em termos estritamente nutricionais o 'resultado' possa ser rigorosamente o mesmo. Quem já viu o retorno de um caçador wari' após uma caçada bem-sucedida, a euforia que muitas vezes precede sua chegada à aldeia, sua postura e seu relato do episódio, sabe que todo o processo não se resume à aquisição de proteínas ou nutrientes. O abate de uma cabeça de gado bovino na aldeia, por festivo que pareça, não pode ser comparado à morte de um único *mijak*, com dez vezes menos carne e gordura.

Recursos naturais e projetos de desenvolvimento comunitário

No caso de itens como a castanha-do-pará e a madeira para cercas, o que acontece ainda é o acesso aos recursos presentes nas áreas indígenas, mas muitas vezes já escassos na região – o que pode resultar em seu esgotamento também nas áreas indígenas: a extração de itaúba (madeira para cercas) parece ser um exemplo, sendo descrita por eles como um recurso cada vez mais raro. No entanto, à exceção da madeira, a coleta de produtos florestais não parecia ser um problema para os Wari'. Em nenhuma ocasião os ouvi mencionar algum grau de escassez dos recursos obtidos nessa atividade, mesmo quando se tratava de palmeiras cujos troncos eram derrubados para a retirada dos frutos. De todo modo, é francamente possível que venham a enfrentar problemas nesse sentido. Putsche (2000) assinala, entre os Shipibo, na Amazônia peruana, o progressivo esgotamento de palmeiras de importância econômica, em um processo documentado ao longo de um período de 21 anos. De modo semelhante, Baksh (1995) registra o desaparecimento, entre os Machiguenga, também na Amazônia peruana, de espécies vegetais utilizadas na construção de casas nos arredores da aldeia. E mesmo atividades que não envolvam a derrubada das árvores, como a coleta de castanhas-do-pará, podem a longo prazo afetar a disponibilidade de recursos. Peres et al. (2004) indicam que a simples retirada das sementes (o caso das castanhas) do ambiente, por inofensiva que pareça, pode constituir uma atividade impactante e que, ao impedir a germinação, impossibilita a reposição das árvores que morrem. A depender da

intensidade com que a coleta ocorra, a longo prazo a população de castanheiras pode ser comprometida.

O manejo dos recursos naturais apresenta-se, assim, como um eixo fundamental para a produção de alimentos entre os Wari'. Em Santo André, chamam a atenção o progressivo esgotamento das áreas que apresentam solos adequados para o cultivo, além da caça e da pesca (refiro-me aqui à visão nativa da disponibilidade desses recursos, já que me baseio nas falas wari' e não em levantamentos topológicos ou de produtividade das atividades de subsistência). Um fator preponderante nesse processo foi a modificação observada nos padrões de assentamento e mobilidade nativos, hoje caracterizados pelo estabelecimento de aldeamentos permanentes e pela redução da sua movimentação através de seu território. A mudança contribuiu significativamente para a intensificação da exploração dos recursos naturais disponíveis nas proximidades das aldeias. Trata-se, aqui, de uma preocupação que permeia os estudos sobre antropologia ecológica na Amazônia, mas que naturalmente não se restringe à região (ver Sponsel, 1995, para exemplos adicionais).

No que se refere à agricultura, as áreas tradicionalmente reconhecidas como adequadas para o cultivo, isto é, com terra preta, identificadas ainda pela presença de espécies vegetais 'bioindicadoras', como o aracuri (*Sheelea martiana* Burret.), são, segundo os Wari', escassas no entorno de Santo André (embora freqüentes na região do igarapé Dois Irmãos). Os solos disponíveis são de modo geral considerados inadequados para o cultivo de milho, tubérculos (batata-doce e cará), feijão e banana, mostrando-se no entanto apropriados para a mandioca. Isso acaba por determinar o tipo de cultivo considerado, pelos Wari', 'possível' nessas áreas, o que significa dizer que nas roças próximas a Santo André, portanto, predomina o cultivo da mandioca. Nesse âmbito, assumem relevância as possibilidades que apresentam as técnicas de manejo agroflorestal, mantendo produtivas as capoeiras no período de descanso entre os cultivos principais (Siqueira, 1997). Faz-se necessário, ainda, um mapeamento detalhado dos solos disponíveis nos limites do território wari', avaliando-se as reais possibilidades de cultivo e associando essas informações aos conhecimentos nativos das práticas de agricultura. Isto é: torna-se necessário um reexame das evidências que indicam uma relativa escassez de solos férteis e seu progressivo esgotamento, ao menos nos arredores da aldeia. Vale assinalar que o estado de Rondônia concentra boa parte das terras pretas identificadas no país (Neves, 2006). De todo modo, a sedentarização promovida pela Funai, com a fixação dos assentamentos, ainda permanece constituindo uma limitação à exploração dos recursos situados em áreas mais distantes das aldeias wari'.

A questão do esgotamento dos recursos alimentares não se limita, contudo, à agricultura, estendendo-se ainda às atividades de caça, pesca e coleta. Apesar da

ausência de estudos que avaliem precisamente o rendimento dessas atividades, as falas wari' freqüentemente contrastavam a abundância dos recursos disponíveis nos arredores de Santo André há alguns anos com a atual dificuldade encontrada na caça e o menor sucesso obtido na pesca. Os Wari' também descreviam-me, por exemplo, que na época de sua chegada a Santo André (na década de 80), vindos da região do igarapé Dois Irmãos, o rio Pacaás Novos era francamente mais piscoso que o Dois Irmãos. Agora, segundo eles, ocorreria o inverso, o que faz sentido: ao mesmo tempo que diminuiu a pressão sobre os recursos pesqueiros do igarapé, aumentou aquela exercida sobre o rio Pacaás Novos.

No caso da caça, a despeito das dificuldades que isso possa envolver, a criação de áreas de recuperação dentro das terras indígenas parece mais atraente que a substituição das bases protéicas, o que envolve mudanças culturais significativas (Schröder, 2003). Contudo, no caso wari' há que se considerar a existência de diversas aldeias em cada T.I., o que torna a manutenção de tais áreas tarefa ainda mais complexa, exigindo a mobilização simultânea das comunidades. Schröder (2003) chama a atenção para as possibilidades de manejo que a pesca apresenta e para a difusão de técnicas utilizadas mesmo por outros grupos indígenas.

É importante assinalar que em Santo André já tiveram lugar iniciativas de plantio de castanha-do-pará e pupunha e ainda de produção de mel, que não foram bem-sucedidas. Os Wari' mencionavam também o envio de mudas de frutos cítricos e de café, afirmando ainda que as mudas morriam muito facilmente. Era curioso observar, por exemplo, que na aldeia havia uma profusão de limoeiros, embora os Wari' os apreciassem apenas moderadamente. Depois de algum tempo entendi o que justificava sua presença tão freqüente junto aos domicílios: tratava-se originalmente de mudas de laranjeiras enxertadas em limoeiros e que acabaram por, em suas palavras, 'virar' limoeiros, justamente pelo fato de, ainda segundo suas palavras, não saberem cuidar adequadamente dos cultivos introduzidos pelos *wijam*. Suas queixas referiam-se ao desconhecimento das técnicas apropriadas para o cuidado com as mudas e ao pouco tempo de contato com os técnicos enviados para ensiná-los. Diziam, ainda, que esses técnicos permaneciam apenas nos limites da aldeia e por curtíssimos períodos de tempo, não indo até suas roças. Independentemente da veracidade ou não dessas afirmações, elas apontam para a fragilidade das iniciativas desse tipo entre eles.

No que se refere à produção de mel, por exemplo, diziam-me que precisariam transportar as caixas de madeira pelo mato, as quais eram muito pesadas. De fato havia, na aldeia, roupas de proteção e uma centrífuga manual para a extração do mel dos favos. Cheguei a vê-los, em apenas uma ocasião, retirar mel da única caixa com abelhas européias disponível, situada nos arredores da aldeia. A atividade, contudo, não tinha um caráter regular e não envolveu a participação de mais do que duas ou três famílias nucleares, das quase cinquenta

existentes na aldeia. Desse modo, seguiam coletando o produto, mas segundo as técnicas tradicionais, que usualmente envolviam a derrubada das árvores em que se encontravam as colméias, e em caráter oportunístico.

A produção de farinha de mandioca também foi objeto de atenção: a comunidade foi contemplada com um projeto na época do Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia (Planaflo); com parte da verba disponibilizada foram construídas casas de farinha dotadas de motores a gasolina para ralar a mandioca, e construídas chatas para o transporte da produção até Guajará-Mirim. Além disso, vinte homens e mulheres wari' participaram de um curso sobre o beneficiamento do tubérculo. O que pude constatar, poucos anos após o projeto haver sido realizado, foi que os Wari' seguem produzindo quase que somente farinha-'d'água', apesar de ser menos valorizada no mercado regional; a gasolina necessária para o funcionamento dos motores é um implemento dispendioso e acaba por ser inacessível à maioria das famílias. A farinha assim produzida resulta ainda em uma granulação mais grosseira, o que contribui para o baixo preço alcançado pelo produto. Além disso, nenhum outro produto da mandioca é utilizado, embora os Wari' saibam como obtê-los. Dos barcos construídos (dois), um acabou afundando no porto de Santo André, sem que houvesse perspectiva de sua recuperação, na época de minha partida. O que restava iria ser utilizado conjuntamente com a aldeia de Bom Futuro, situada também às margens do rio Pacaás Novos. Em resumo, os resultados efetivamente alcançados por esse componente do projeto não pareciam resistir por muito tempo. Em última instância, esta e as demais iniciativas mencionadas, embora não avaliadas criteriosamente aqui, parecem demonstrar a inadequação dos projetos diante da realidade e do pensamento wari'. O caso não parece constituir exatamente uma exceção, no conjunto dos povos indígenas envolvidos em iniciativas semelhantes (Schröder, 2003).

As possíveis implicações nutricionais das intervenções devem ser consideradas no delineamento dos projetos de desenvolvimento, assim como reexaminadas e avaliadas ao longo das etapas subseqüentes. Trata-se, desse modo, de incluir preocupações e objetivos de ordem nutricional e de efetivamente verificar o alcance das intervenções em termos nutricionais. A sua inclusão como objetivo e critério de avaliação do sucesso das intervenções encontra justificativa na medida em que o estado nutricional pode ser considerado um indicador das condições de vida das populações, e no fato de que essa dimensão estará, portanto, inevitavelmente implicada, mesmo que não formalizada nos projetos.

Condições sanitárias e de saúde

O perfil nutricional da população, entretanto, não resulta somente de aspectos relacionados à produção ou à aquisição de alimentos. Fatores como o

saneamento básico e o perfil de morbimortalidade estão intimamente relacionados à situação nutricional, e não podem ser deixados em segundo plano.

As condições sanitárias em Santo André caracterizam-se pela precariedade: a água para o consumo doméstico é captada de um poço do tipo 'amazonas', e com frequência diretamente do rio Pacaás Novos. Os dejetos humanos têm como destino diversas latrinas construídas próximo às residências, o que não chega a impedir a proliferação de insetos sobre a matéria fecal e acaba por favorecer, portanto, a contaminação de alimentos e utensílios domésticos. A presença constante de cães, aves domésticas, cavalos, burros e eventualmente gado bovino na aldeia constitui um importante fator de contaminação fecal do solo e do curso d'água. Além disso, a algumas centenas de metros rio acima encontram-se um pasto e um curral, este localizado a apenas alguns metros da margem. Neste local o gado tem franco acesso ao rio, o que significa uma fonte permanente de contaminação da água.

A garantia de potabilidade da água de consumo doméstico e a restrição efetiva da circulação do gado e de animais de carga às áreas situadas fora dos limites da aldeia e, idealmente, distantes do rio Pacaás Novos constituem, sem dúvida, medidas imprescindíveis a serem tomadas em direção à melhoria das condições sanitárias.

O perfil de morbimortalidade da população, caracterizado pelo predomínio das doenças infecciosas e parasitárias e com taxas geralmente superiores àquelas observadas em âmbito nacional, de certo modo reflete esse quadro, e por sua vez afeta diretamente as condições de nutrição da população. Embora seja difícil avaliar precisamente a resolubilidade dos serviços prestados pelos DSEIs, não é improvável que ela assemelhe-se à da rede de referência do Sistema Único de Saúde (SUS), diante das dificuldades enfrentadas pelos sistemas municipais de saúde (Garnelo, Macedo & Brandão, 2003). Dados referentes às causas de internação hospitalar da população indígena na cidade de Porto Velho (DSEI Porto Velho) no período de 1998 a 2001 indicam que as doenças respiratórias e as diarreias eram responsáveis por uma proporção significativa das internações, quando deveriam ser essencialmente controladas ainda nas aldeias. Os autores mostram ainda uma elevada mortalidade entre os pacientes internados menores de cinco anos, devido a essas mesmas causas, e mencionam a possibilidade de atrasos nos diagnósticos e internações tardias dos enfermos, resultando em aumento da mortalidade (Escobar et al., 2003). Os dados incluem diversas etnias além dos Wari' e não são, portanto, diretamente extrapoláveis para o caso de Santo André. No entanto, refletem em termos gerais a dinâmica do atendimento prestado às populações indígenas do DSEI. Além disso, o perfil de morbimortalidade wari', caracterizado no capítulo 1, não apresenta uma situação diversa.

As ações direcionadas à produção de alimentos, ao manejo dos recursos naturais disponíveis, ao estabelecimento de relações comerciais menos desiguais,

para mencionar apenas algumas, não podem prescindir de intervenções direcionadas à melhora das condições de saúde da população. Os avanços obtidos com a implantação daquelas medidas podem ser simplesmente neutralizados pela manutenção de condições de saúde desfavoráveis, aspecto cuja influência não pode ser subestimada. Enquanto os quadros sanitário e de saúde da população de Santo André se caracterizarem pela precariedade, as suas condições nutricionais serão inevitavelmente afetadas.

Considerações finais

Concluindo, os Wari' apresentam um perfil de nutrição bastante comprometido e que contrasta com os dados disponíveis para o país como um todo. Como esperado, as crianças e as mulheres são mais afetadas; o perfil caracteriza-se ainda por um agravamento importante durante a estação de chuvas, o que pode ser um reflexo de variações também sazonais na disponibilidade de alimentos. No âmbito das discussões acerca da interpretação de dados antropométricos entre crianças indígenas, o perfil wari' demonstra a relevância dos fatores ambientais na determinação dos déficits de crescimento observados. Esta hipótese é, por sua vez, compatível com o registro de condições sanitárias inadequadas, e ainda com os perfis de morbidade e mortalidade da população. Caracterizados pelo predomínio de doenças infecciosas e parasitárias, além de coeficientes de modo geral mais elevados que aqueles registrados em âmbitos regional e nacional, esses perfis refletem e confirmam uma situação caracterizada pela precariedade, em termos absolutos, e pela vulnerabilidade, em termos relativos, da população wari' em face do restante da população brasileira.

A observação das práticas alimentares revela mudanças profundas no sistema alimentar wari'. A principal delas, a substituição do milho pela mandioca como principal cultivo, se reflete não apenas na dieta da população, mas também na sua economia: além de haver alterado a base de sua alimentação, a articulação com o mercado regional, hoje possibilitada principalmente pela comercialização da farinha de mandioca, é responsável pelo acesso a diversos itens alimentares. A elevada proporção de alimentos comprados demonstra a relevância do mercado como 'fonte' alimentar e a importância da inserção do grupo no comércio regional. A constatação da heterogeneidade dos perfis de consumo, além disso, indica a influência dos processos decisórios individuais e domiciliares na definição tanto do grau de envolvimento com o mercado quanto do perfil de gastos com alimentos.

As práticas e os discursos wari' ligados à alimentação chamam a atenção para a necessidade de se aprofundarem as discussões sobre mudanças nas práticas alimentares entre povos indígenas – mais especificamente, revendo as idéias de fragilidade e descaracterização dos sistemas alimentares nativos, que remetem a uma visão essencializada da cultura, e redimensionando o papel dos sujeitos e do

pensamento nativo na modulação dos processos de mudanças. O reconhecimento tanto da existência como da legitimidade de um conjunto de princípios subjacente às práticas alimentares, lógico e em consonância com sua cosmologia, mostra-se essencial à redefinição dos pressupostos que orientam as análises.

Este livro buscou, desse modo, assinalar a importância da adoção de uma perspectiva que contemple tanto fatores de ordem biológica como sociocultural, na análise de perfis de nutrição. Tal tipo de proposta não é, por certo, novo, mas a despeito de sua relevância não tem sido efetivamente incorporado aos serviços de saúde que atendem as populações indígenas do país. À medida que se aprofundam os debates sobre a sustentabilidade alimentar em áreas indígenas, a questão da especificidade cultural vem sendo progressivamente destacada nas discussões e nos documentos oficiais que abordam o tema, mas ainda não se operacionaliza em âmbito local. A singularidade da questão nutricional, contudo, não se limita à dimensão cultural nem à esfera econômica ou, mais especificamente, à produção de alimentos, ao contrário do que os recentes debates acerca da segurança alimentar em áreas indígenas parecem sugerir.

Em seu conjunto, os dados evidenciam que a questão nutricional em Santo André ou, em termos mais amplos, em áreas indígenas encontra-se intimamente relacionada a toda uma gama de fatores, que vão além da produção e do consumo de alimentos. Entre esses fatores, devem ser considerados os aspectos sanitários, os perfis de saúde e, conseqüentemente, o funcionamento dos serviços de saúde que atendem essas populações. Assim, a ocorrência de déficits nutricionais, ainda que atingindo uma parcela significativa da população, não pode ser vista como resultante somente de uma escassez, constante ou sazonal, de alimentos.

Não se trata de um problema unidimensional, portanto as possibilidades de superação também não se encontram limitadas a aspectos de uma única ordem, como os estritamente biomédicos ou socioculturais. Além disso, o quadro observado em Santo André revela a riqueza das dinâmicas locais de modulação de determinantes mais amplos. Nenhum desses níveis de análise é, isoladamente, suficiente para a compreensão da situação vivenciada pela comunidade, como também não o seriam as análises restritas à dimensão nutricional, sanitária ou econômica. Em última instância, a modificação efetiva do quadro de precariedade registrado, fruto de uma sujeição, social e historicamente determinada, a condições ambientais adversas, depende de mudanças de caráter estrutural, que se traduzam em melhores condições de vida para a população wari' e, em termos mais amplos, para o segmento indígena da população brasileira.

- ³⁸ Para um exemplo adicional, vale mencionar que, em um sistema no qual a disponibilidade dos alimentos para o livre consumo dos integrantes do domicílio é um aspecto central ao ideal de bem-estar e fartura alimentar, intervenções como a distribuição de 'multimistura', direcionada especificamente às crianças diagnosticadas como desnutridas, parecem particularmente problemáticas. O evidente insucesso desta medida, ressalte-se, é determinado não pelo desconhecimento da população sobre quaisquer princípios das 'ciências da nutrição' ou pela falta de cuidados com suas crianças, mas sim do pensamento wari' por parte dos propositores desse tipo de medida. A própria idéia de combinar ingredientes terapêuticos é contrária aos princípios da medicina do grupo (Conklin, 1994).
- ³⁹ A diferença entre os tubérculos reside basicamente no conteúdo de glicosídeos cianogênicos, tóxicos ao organismo humano, que exigem diferentes formas de processamento para cada um deles. Nestes termos, Dufour (2000) define a macaxeira como apresentando uma concentração de cianeto equivalente a até 100 ppm de matéria fresca, podendo ser comida apenas retirando-se a casca e cozendo-se suas raízes. A mandioca compreenderia variedades com concentrações superiores a esta, e seu consumo exigiria formas de processamento capazes de destoxicá-la. Disso resulta que os Wari' praticamente só a consomem na forma de farinha.

